



**O PROFESSOR: SUA CARREIRA,
RELACIONAMENTOS E DESAFIOS**

AUTORA: DALILA BORGES DE LIMA

ORIENTADORA: VALÉRIA CRISTINA RUIZ FELIX

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2011**

O PROFESSOR: SUA CARREIRA, RELACIONAMENTOS E DESAFIOS

AUTORA: DALILA BORGES DE LIMA

Monografia apresentada à
Faculdade Calafiori, como parte
dos requisitos para obtenção do
título de Licenciado em
Pedagogia.
Orientadora: Valéria Cristina
Ruiz Felix.

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAISO – MG
2011**

O PROFESSOR: SUA CARREIRA, RELACIONAMENTOS E DESAFIOS

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Valéria Cristina Ruiz Felix

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2011

DEDICATÓRIA

Dedico este esforço primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes.

A minha mãe Maria Henriqueta Borges de Lima, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

A toda a minha família em especial minha querida avó Ventina Borges.

Às amigas que Deus colocou no mesmo ano, na mesma faculdade, no mesmo curso, para que eu tivesse o privilégio de conhecê-las, admirá-las e amá-las: Cimere, as gêmeas Vânia e Vanessa, Selma, Vivia e demais, que compartilharam comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa, em que, com a graça de Deus, está sendo vencida.

Ao meu namorado Edson, por saber conduzir todos os momentos com entusiasmo e amor, que me entendeu nos momentos de ausência, desgastes físico e mental, me ajudou com carinho e paciência a passar por esse caminho com obstáculos tão fortes.

A minha orientadora Valéria Cristina Ruiz Felix, que Deus abençoe sua carreira, sua vida. Dê cada vez mais força e perseverança para continuar esse caminho que Ele mesmo não prometeu sem espinhos.

A todos os professores, funcionários, e membro da família Calafiori.

Muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que uma pessoa pode conhecer.

A minha orientadora Professora Valéria Cristina Ruiz Felix, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Agradeço a minha mãe Maria Henriqueta Borges de Lima, sempre, heroína que me deu apoio, incentivo me presenteou com essa formação que hoje alcanço com seu suor e sangue. Que me presenteou com este diploma, que dará início a uma vida regrada com mais responsabilidades e compromissos.

Ao meu pai que mesmo aqui, mas ausente, contribuiu indiretamente para que eu subisse mais um degrau na escada da vida.

A todos os amigos minha segunda família, que fortaleceram os laços de igualdade, num ambiente fraterno e respeitoso! Jamais lhes esquecerei!

Meus agradecimentos as amigas, Cimere, Vânia, Vanessa, Selma, Vivia, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender.

A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Não posso deixar de lembrar aqui as colegas que no decorrer do curso foram infelizmente vencidas por obstáculos que elas pensaram não conseguir atravessar.

Mas uma vez friso e firmo meus sinceros louvores e agradecimentos a Deus.

*(...)“Ser professor é um privilégio.
Ser professor é semear em terreno sempre fértil
E se encantar com a colheita.
Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos,
É lapidar diamantes.”
(CHALITA, 2001:09)*

SUMÁRIO

Resumo.....	9
Introdução	10
1– A PROFISSÃO DOCENTE	13
1.1 – Construção da profissão	16
1.2 – O que é ser professor?	17
1.3 – As funções do professor	20
2 – OS PROFESSORES, SEUS RELACIONAMENTOS, DESENVOLVIMENTO E CARACTERÍSTICA.	25
2.1 – Não há docência sem discência: PROFESSOR X ALUNO	25
2.2 – Relação Entidade Escola E Professor.....	32
2.3 – O envolvimento de uma importante figura com o professor: Família....	34
2.4 – O Humor Dos Professores Também Muda.....	36
3 – DESAFIOS ENCONTRADOS NA PRÁTICA DOCENTE.....	39
3.1 – Os avanços tecnológicos.....	39
3.2 – Um empecilho para continuar exercendo a profissão e por que ela não atrai: a remuneração.....	40
3.3 – Nem todos estão preparados: inclusão	47
Conclusão.....	49
Referência Bibliográfica.....	54

RESUMO

Esta pesquisa será desenvolvida com a finalidade de observar o desenvolvimento da prática docente no Brasil. Um histórico sobre o surgimento desse bem fundamental para a mudança e progresso da sociedade, quais as necessidades que a fizeram surgir e permanecer, crendo que apenas a educação pode mudar o país através dos seres mais puros e capazes: as crianças. Esse público alvo que aprenderá com seu mestre a formar identidade, aprenderá a ser independente desde cedo, com mediação de um único ser: o professor. Que ajudará formar identidade através da afetividade, do diálogo, da exemplificação cotidiana, do respeito mútuo, pois, onde há afetividade há maior chance de aprendizagem. Identificar os benefícios alcançados por aqueles que a praticam. O projeto pretende ressaltar a importância da profissão docente, seus ensinamentos, sua prática, sua função, seu desenvolvimento dentro de um contexto que envolve escola, interesse, participação, dedicação de ambas as partes discência e docência, juntos por um mundo inovador e empreendedor. Mas esse caminho também enfrenta desafios para se tornar cada vez mais escasso, muitas vezes descaso por parte de todos, alunos, família, escola, sociedade, mas citados aqui um dos principais fatores para desistência dessa importante prática, a remuneração pelo serviço. Outras dificuldades (ou facilidades) citadas no desenvolver do projeto é a tecnologia a favor dessa profissão, se houve avanço tecnológico em vários aspectos mundiais, por que não na área onde surgiu todo o processo de qualquer profissão.

Palavras-chave: Profissão docente; aluno; benefício; Psicopedagogia; importância.

Introdução

O presente trabalho trata de um tema que sempre foi motivo de especulações: a carreira da prática docente.

O porquê da escolha dessa profissão tão importante para a sociedade e tão desprezada pela própria.

O ser humano vive de escolhas a todo instante, a todo momento, a vida inteira, uma dessas escolhas esta qual profissão seguir, da carreira que se deve seguir, muitos pensam no prazer proporcionado pela prática, outros no poder aquisitivo que a profissão lhe proporcionará.

Ao escolher a profissão docente, o próprio e a sociedade começa a julgar de onde vem essa vontade, muitos dizem vocação, outros apenas um desejo, apenas uma escolha sem maiores explicações, “Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro.” D. Pedro II.

O professor e sua história, seu surgimento, de onde vem a necessidade de se ter um ser para alfabetizar e ensinar contos a criança. Mas que isso, transformar a identidade da criança, dizem transformá-lo em cidadãos, pois, passará parte do tempo na escola ouvindo e aprendendo com aquele que está incumbido a ensinar.

As funções que ele deve desempenhar dentro e fora da sala, as funções que deve seguir para melhor desempenhar ao assumir esta profissão que faz comprometimento com si mesmo, comprometimento com a família, com a escola com seu aprendiz mais fiel: o aluno.

E por falar em aluno essa relação se deve dar de maneira reciprocamente confiante, gerando confiança ao decorrer outros sentimentos virão como admiração e carinho, é melhor trabalhar em uma ambiente favorável ao clima de amizade e descontração do que autoritarismo e insegurança, tentando mostrar o tempo todo ao aluno quem manda ali, e acima de tudo é melhor trabalhar com ética e respeito mútuo:

“Houve uma época em que o professor era tão valorizado que representava status ter essa profissão. Aulas nos cursos ginasial e colegial costumavam ser ministradas até por médicos e engenheiros, e compensava financeiramente. Os alunos eram habituados a se colocarem de pé quando o mestre entrava na sala. O respeito aos mais velhos era regra de educação [...]

(RODRIGUES *apud* KUBATA 2008, p. 25).

A importância das interações sociais, professor-aluno traz a idéia da *mediação* como aspecto fundamental para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo.

Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade.

A importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

Depois dentre os seus relacionamento primordial com o aluno, vem a escola ambiente freqüentado pelo professor todos os dias letivos, seu ambiente de trabalho, onde precisa-se sentir seguro e bem aconchegado para assim desempenhar seu papel: a aprendizagem dos seus alunos.

O professor não deixa de se relacionar também com a família do aluno, seja ela formada pela “tradicional” família (pai, mãe e irmãos) ou pelo seu responsável, às vezes um avô, avó, tio, tia... etc..

O professor pede e necessita cada vez mais desse envolvimento, precisa de todas as ajudas possíveis para cumprir seu objetivo.

Sempre houve desafios na carreira docente, são inúmeros que vem desde o surgimento dessa profissão ate hoje, ele precisa cuidar muito bem do seu humor para não levar para dentro da sala de aula seus problemas e com isso deixar interferir no seu objetivo, a tecnologia pode ajudar o professor empreendedor e atrapalhar (ou não) o professor tradicional.

Após anos de estudo e desenvolvimento, surgiu à necessidade de dar uma atenção maior ao aluno com dificuldades de aprendizagem. Aquele aluno que mesmo com características cognitivas boas não consegue desenvolver um estudo de igual para igual com os outros colegas, interessa a Psicopedagogia compreender como ocorre os processos de aprendizagem e entender as possíveis dificuldades situadas neste movimento. Para tal, faz uso da integração e síntese de vários campos do conhecimento, tais com a Psicologia, a Psicanálise, a Filosofia, a Psicologia Transpessoal, a Pedagogia, a Neurologia, entre outros.

Para o professor essa nova especialização ajuda, na vida escolar já que trata e faz avanços na vida do aluno com dificuldades específicas.

O professor pode dar continuidade na sua carreira através desta, ou simplesmente ser bastante ajudado apenas na carreira como Pedagogo.

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, baseada em fontes como livros, monografias, revista e sites específicos relacionados ao tema.

Adentra-se, pois, rumo a uma profissão dita uma das mais belas do mundo, mas nada desejada, nada procurada, nada reconhecida.

1 .0 – A PROFISSÃO DOCENTE

Segundo Freire (1996), a profissão docente exige comprometimento, assim como não tem como sair na chuva totalmente exposta a ela, sem proteção nenhuma e não se molhar é impossível ser professor e não se expor para os alunos, escapar facilmente à sua apreciação.

A maneira como os alunos percebem o professor tem importância significativa para seu desempenho. Então o professor se preocupa cada vez mais em estar próximo do aluno.

Quando o aluno perguntar ao professor e logo, o mesmo perceber que não sabe a resposta assumirá sua ignorância dizendo-lhe que não sabe, mas trará a solução pra sua dúvida.

Assim, sairá satisfeito em saber que não abusou de sua autoridade mentindo, e o fato de não mentir abrirá junto aos alunos créditos.

Eticamente impossível teria sido dar uma resposta falsa.

Sabendo que o professor não se passa despercebido ao aluno, aumenta os cuidados com seu desempenho.

Certamente o professor não pode viver perguntando aos alunos o que pensam dele, ou como avaliam. Mas deve estar atento à leitura que fazem das atividades com eles.

O professor precisa aprender o significado de um sorriso, ou um silêncio, ou de uma retirada da sala.

Afinal o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”.

Neste sentido, quando mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democráticas se abrem na escola.

O professor deve revelar aos alunos sua capacidade de analisar, comparar, avaliar, decidir, optar, romper. Capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade.

Ético por si mesmo.

O ato de cozinhar exige técnicas e maneiras com o fogão, como acendê-lo, como lidar com certos riscos, como harmonizar certos temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundamentais como domínio do barco, das partes que o compõem, dos ventos, de sua força, sua direção, suas velas, na prática de velejar se confirmam, se modificam ou edificam esses saberes.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando conversa fiada e a prática, ativismo,

Então para discutir alguns saberes sobre a prática educativa, ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção.

Segundo Freire, (2008) não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os tenham não se reduzem as suas condições. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. A prática docente inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo que homens e mulheres eram capazes de ensinar.

Não existe validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de se refazer o ensinado.

O educador na sua prática docente não pode negar-se a reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se aproximar dos objetos.

O educador é um ser complexo e limitado, mas sua postura pode contribuir para reforçar que vale a pena aprender, que a vida tem mais aspectos positivos que negativos, que o ser humano está evoluindo, que pode realizar-se cada vez mais. Pode ser luz no meio de visões derrotistas, negativistas, muito enraizadas em sociedades dependentes como a nossa.

O educador é um ser complexo e limitado, mas sua postura pode contribuir para reforçar que vale a pena aprender, que a vida tem mais aspectos positivos que negativos, que o ser humano está evoluindo, que pode realizar-se cada vez mais. Pode ser luz no meio de visões derrotistas, negativistas, muito enraizadas em sociedades dependentes como a nossa.

O educador é especialista em conhecimento, em aprendizagem. Como especialista, espera-se que ao longo dos anos aprenda a ser um profissional equilibrado, experiente, evoluído; que construa sua identidade pacientemente, equilibrando o intelectual, o emocional, o ético, o pedagógico.

O educador pode ser testemunha viva da aprendizagem continuada. Testemunho impresso na sua pele e personalidade de que evolui, aprende, se humaniza, se torna uma pessoa mais aberta, acolhedora, compreensiva.

Testemunha viva, também, das dificuldades de aprender, das dificuldades em mudar, das contradições no cotidiano; de aprender a compreender-se e a compreender.

Com o passar do tempo ele vai mostrando uma trajetória coerente, de avanços, de sensatez e firmeza. Passa por etapas em que se sente perdido, angustiado, fora de foco. Retoma o rumo, depois, revigorado, estimulado por novos desafios, pelo contato com seus alunos, pela vontade de continuar vivendo, aprendendo, realizando-se e frustrando-se, mas mantendo o impulso de avançar.

Há momentos em que se sente perdido, desmotivado. Educar tem muito de rotina, de repetição, de decepção. É um campo cada vez mais tomado por investidores, por pessoas que buscam lucros fáceis. Ele se sente parte de uma máquina, de uma engrenagem que cresce desproporcionalmente. Sente-se insignificante, impotente, um número que pode ser substituído por muitos jovens ansiosos pelo seu lugar. Sabe que sua experiência é importante, mas também que outros estão dispostos a assumir o seu lugar por salários menores.

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, o saber de experiência feita, a que falta a rigurosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é um saber que rigurosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática na formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo com o a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital.

Neste sentido, é tão curioso o professor chamado leigo, em qualquer lugar quanto o professor de filosofia da educação.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor, que ensinar não é transferir conhecimento, não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos na sua razão de ser antológica, política, ética, pedagógica mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.

O professor no curso de formação docente não pode esgotar a prática discursando sobre a teoria da não extensão do conhecimento.

O professor não pode apenas falar bonito, sobre as razões antológicas, e políticas da teoria. O discurso sobre a teoria deve ser o exemplo concreto e prático. Ao falar da construção do conhecimento criticando a sua extensão já deve estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos.

1.1 - Construção da profissão

A profissionalização não é um processo que se dá por modo endógeno, ou seja, o professor não nasce qualificado, suas qualificações não vem do seu interior, ele tem que produzir sua profissionalização, procurando com sua força de vontade.

Assim, a história da profissão docente é indissociável do lugar que seus membros ocupam nas relações de produção e do papel que desempenham na manutenção da ordem social. Os professores não vão somente responder a uma necessidade social de educação, mas também criá-la.

A grande operação histórica da escolarização jamais teria sido possível sem a conjugação de vários fatores de ordem econômica e social, mas é preciso não esquecer que os agentes desse empreendimento foram os professores.

O que a História da Educação nos mostra é que o professor tem cada vez mais um papel minimizado e há o crescimento de uma idéia que diz que o aluno desabrocha sozinho, sem o professor. A criança aprende e se desenvolve sozinha. Mas aprende o quê? E como, se for independente do professor? E isso precisa se entendido, analisado. Agora, se isso for tomado como verdade absoluta e, o professor, de fato, se eximir da responsabilidade e de seu papel no processo de aprendizagem, certamente essa criança não vai ter acesso a todo o conhecimento produzido pela sociedade e a que ela tem o direito de conhecer, de possuir. Não que

o professor tenha que saber tudo, mas ele deve ser o mediador na aproximação com esse conhecimento. Esse papel é muito diferente do que temos hoje e é verdadeiramente importante.

Veja que o professor mediador deixa de ser apenas um transmissor do conhecimento, ele passa a caminhar junto e ao lado da criança na decodificação de cada informação do mundo e passa também a ensinar os meios para a criança se apropriar de todo aquele banquete de conteúdos. Nessa relação com o conhecimento, está provado que o acesso aos livros, ou às outras fontes de informação, não é suficiente. É preciso o professor mergulhar junto nesse caminho e, nesse mergulho, trazer as crianças com ele.

(NÓVOA,1987)

Para VEIGA (1994), a maioria do corpo docente é feminino, cerca de 93 % dos casos, o que não é de se surpreender, já que em outros estudos como os de Gouveia (1970), Bruschini (1979), Lewin (1980) Barroco e Mello (1975), dentre outros se comprova empiricamente.

Outro levantamento sobre a profissão professor constatou que o estado civil dos professores indicam que 66% são casados, 26 % solteiros, e apenas 7 % descasados, quanto à faixa etária a maioria (85%) atingindo a idade entre 32 aos 44 anos e apenas 15 % entre 45 a 48 anos.

As histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica na área de Educação ganharam visível impulso no Brasil nos últimos quinze anos.

Em comparação com o período anterior, a década de 1990 traz grandes mudanças, apresentando um crescimento vertiginoso dos estudos que fazem uso dessas metodologias, genericamente denominadas de autobiográficas.

1.2 – O que é ser professor?

Segundo CURY (2003), “Bons professores são mestres temporários, professores fascinantes são mestres inesquecíveis.”

Um bom professor procura os alunos, um bom professor fascinante é procurado por eles. O bom professor além de admirado é amado por seus alunos,

não se preocupa apenas com suas notas, mas em transformá-los em engenheiros de idéia, e se tornar um mestre onde seus alunos farão a diferença no mundo. Suas lições marcaram para sempre.

O tempo passará, mas as sementes colocadas por mestres inesquecíveis marcaram sempre o solo.

Mestres como Confúcio, Buda, Platão, Freud, Einstein, são inesquecíveis, pois estimularam seu íntimo a velejar para dentro de si mesmo.

Uma análise psicológica e não teológica de Jesus Cristo foi feita, e os resultados foram extraordinários, foi a primeira vez que textos sobre Ele tenham sido em faculdades de Pedagogia, Psicologia e Direito.

“Aparentemente, Ele morreu como o mais derrotado dos homens, pois o mais forte dos seus discípulos o negou e os demais o abandonaram. Mas ninguém é derrotado quando suas sementes são enterradas. As sementes que Ele plantou na memória dos solos dos seus discípulos inspiraram a inteligência, libertaram a emoção, romperam o cárcere do medo, fizeram dos jovens galileus, tão despreparados para a vida, uma casta de finos pensadores.”

(CURY, 1958, P. 73)

Mas a conclusão que é que Jesus Cristo se tornou um mestre inesquecível, e não foi por obras sobrenaturais, foi por passar conhecimentos, pelos seus ensinamentos, o ato de ensinar envolve educação, e é preciso saber passar o conhecimento para não mais ser esquecido, nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar grandes os pequenos.

Para se tornar um mestre fascinante é preciso inspirar a inteligência dos seus alunos.

É preciso também transmitir ao aluno a experiência de vida do professor, pois as informações são arquivadas na memória, as experiências no coração.

Todo professor/educador deve ser esse profissional especializado em educação, educar por inteiro, capaz de conduzir o inteiro processo educativo: do pensar ao agir e fazer e avaliar.

O bom professor educa para a educação e para a vida. Ele objetiva que seus alunos sejam líderes de si mesmos. Proclamam de diversas formas em sala de aula aos seus alunos que eles sejam empreendedores, grandes empreendedores, sem medo de falhas, mas se falharem, não tenham medo de chorar. Se chorar repensem sua vida. Mas não desistam, dando sempre uma nova chance a si mesmo.

O professor não deve ser impaciente, e desistir de educar, havia um aluno muito agressivo e inquieto. Em sala ele cometia sempre os mesmos erros, perturbava sempre a todos, era grosseiro, desacatava sempre a todos sem exceção, parecia que aquele aluno não tinha correção, era incorrigível.

Os professores não o suportavam mais, pensavam em expulsá-lo.

Mas antes disso um professor resolveu dar mais uma chance ao aluno, tentou uma aproximação, uma conversa, mas só o professor falava, o aluno não dialogava com ele, os outros professores achavam perda de tempo, e mesmo sem o apoio dos colegas ele insistiu.

Aos poucos começou envolver o aluno, a brincar, levá-lo para passear, o professor criou um vínculo entre eles, vínculo professor aluno e fez varias descobertas, dentre elas que o pai era alcoólatra e espancava ele e a mãe, viu no jovem insensível lagrimas secas, que se tornou agressivo pois foi uma maneira de pedir ajuda. Só que ninguém entendia sua linguagem, seu mundo não era colorido, não lhe deram o direito de brincar de sorrir, e ver a vida com confiança, e agora estava perdendo a chance de estudar pois estava prestes a ser expulso.

O professor começou a conquistá-lo, o aluno se sentiu querido, sentiu apoiado e valorizado, o professor começou a educar-lhe a emoção, então percebeu que atrás de cada criança agressiva arredoio, há uma criança que precisa de afeto.

Passaram-se algumas semanas e todos estavam, espantados com a mudança, o aluno começou a respeitar e a ser afetivo, cresceu e se tornou um adulto extraordinário, e tudo isso por que alguém não desistiu dele.

Os professores preferem educar jovens já educados, alunos dóceis, mas são os que frustram que testam as qualidades dos educadores. Os alunos insuportáveis que testam o humanismo do professor.

Professores fascinantes não desistem dos alunos, mesmo que eles os decepcionem e não lhes de nenhum retorno. Paciência é o segredo, a educação do afeto é a meta.

Por tanto ser impaciente e desistir de educar é um dos sete pecados capitais que o professor deve evitar cometer, os outros seis apresento abaixo:

1. Corrigir publicamente.
2. Expressar autoridade com agressividade.
3. Ser excessivamente crítico: obstruir a infância da criança.
4. Punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações.

5. Não cumprir com a palavra.

6. Destruir a esperança e os sonhos.

Segundo MARQUES (1998), “Todo professor/educador deve ser profissional especializado em educação, educador por inteiro, capaz de conduzir o inteiro processo educativo: do pensar ao agir e fazer avaliar.

A obra da educação é de todos, apesar e que nem todos farão do mesmo jeito as coisas. A educação é obra do coletivo dos educadores, e centrada no processo educacional.

A profissão educador é um coletivo solidário, a cada dia mais exigente se faz o mundo humano de qualificação técnico – científica para os campos específicos de atuação e a identidade de da profissão de educador exige a ciência do entendimento, da organização e da condução do trabalho educativo.

Existem ainda resistências a que se atribua o caráter de profissão à dedicação, tempo pleno e apaixonado à educação, esta profissão tradicionalmente é vista como missão ou vocação, mesmo que as evidencias mostrem o educador hoje como um profissional entre os demais. Insisti-se em distingui-lo por algo mais.

1.3 – As funções do professor

Para MARTINS (2007), o professor é a peça fundamental no trabalho. A peça insubstituível no processo ensino aprendizagem, ele já não é simples transmissor de conhecimento para o aluno, ele não é um simples informante.

O professor passou a ser considerado o orientador o condutor e o propulsor das atividades e o estimulador do aluno.

Ensinar deixou de ser uma troca de informações ou saberes, mas sim levar o aluno à descoberta, a construção de seu conhecimento que o transforme, que o privilegie na construção do mundo em que vivem, o ensino destinado ao aluno tem que ser uma auto aprendizagem, sobre o que ele já sabe, o que vai acrescentar, criticar ou aceitar.

É evidente a participação do professor no ensino, mas essa participação depende da busca de sua inovação, pela renovação da capacitação pedagógica, e sua atualização constante em treinamentos de aperfeiçoamento profissional, ele precisa usar métodos encontrados na atualidade para estimular o aluno à procura e

descoberta, então ele torna-se peça-chave do processo nas condições adequadas do saber pensar .

De acordo com MIALARET, (1991), o professor é um dos membros da sociedade na qual vivem os alunos. Estes podem estabelecer com o professor as relações habituais que ligam normalmente uma criança ou um adolescente a um adulto.

Ele serve por tanto de traço de união entre os alunos e a sociedade, a qual ele próprio pertence.

Esta afirmação pode ser interpretada de varias maneiras e não deixa de levantar problemas difíceis. As antigas formulas diziam: o educador representa a sociedade.

Para MARQUES, (1990), as complexidades do exercício das profissões do mundo atual exigem processos de formação claros e formais, em que se resumem, sistematizem e generalizem competências comunicativas e habilidades cognitivas e instrumentais, desde o ensino fundamental.

Embora se multipliquem as modalidades de comunicação e de informação informais tais as redes de comunicação de massa, a industria cultural e as teias de comunicação intersubjetivas tecidas e adensadas pelo caráter urbano de vida moderna , mesmo assim e por isso mesmo a formação profissional implica em formas formantes em estreita vinculação com os conteúdos da formação e de mandante de capacidades de acesso e participação ativa na publicidade crítico-reflexiva.

Na formação profissional importa articulem-se a dimensão ética de serviços a homens com vez e voz ativas, e a dimensão política das praticas sociais, assente na compreensão do mundo configurada. A reflexão critica dos cidadãos, assegurada desde a educação infantil ate a universidade por um sistema de formação inclui a aprendizagem do caráter pragmático da ciência ao mesmo passo que o entendimento e a preparação para as práxis política cientificamente modelada.

A técnica, concebida como instrumento de autodeterminação política de uma configuração social, manifesta a dependência não apenas sua, mas da teoria também em relação a práxis social emancipatóia o consenso dos cidadãos que agem e discutem ou seja, a reflexão política, cumprem suas condições de racionalidades para alem das exigidas pela reflexão teórica e pelo domínio dos processos objetivados da técnica.

Há dois tipos de movimentos. O primeiro é o movimento organizado, encabeçado pelos sindicatos e associações de classe. Esse é fundamental para o professor se sentir e se ver como cidadão, com papel social determinado, lutando por uma sociedade melhor.

O segundo tipo de movimento parte da sociedade e caminha em direção à Educação e que, na maioria das vezes, se mostra na forma de tendências da Educação e que se reflete como modismos nas escolas.

Um exemplo são as escolas de Educação Infantil. É difícil encontrar escolas hoje que levem a sério uma linha de Educação mesmo. Assim a pré-escola vira um parquinho, o ensino fundamental trabalha com base em apostilas e o ensino médio ensina vinculado a uma rede ou outra de cursinhos pré-vestibulares. E tem mais. Isso quando as escolas não saltam de uma linha educativa para outra. Um tempo seguem Piaget, depois Vigotsky, depois Frenet, mais recentemente as inteligências emocionais e assim por diante. O que acontece é que um autor, ou um grupo de autores cai nas graças da Universidade e o pensamento e a obra dele são apropriados e utilizados de uma maneira superficial nas escolas particulares, da rede municipal, ou estadual. E vai piorando. Para adotar aquela linha educativa, as escolas promovem a chamada - acho esse nome horrível e só estou usando porque é assim que as escolas se referem - reciclagem.

Aí os cursos de reciclagem pegam um professor absolutamente descrente de tantas mudanças pedagógicas e entregam para ele uma formação nada aprofundada. O resultado é que nem a linha pedagógica é seguida direito, nem o professor passa por uma formação verdadeira e adequada. Mas e como seria a vida ideal? Para mim, o esquema ideal seria muito parecido com o dos professores das universidades públicas. Ou seja, o professor prepara a aula, dá aula e, eventualmente, se afasta para passar por outras formações, ou participar de congressos, cursos, etc.

O professor trabalharia, mas também se dedicaria a formar-se. Também seria bom que ele recebesse suficientemente bem para dar aula meio período e se preparar e preparar as aulas no outro meio período. Assim ele teria tempo para se dedicar e esse tempo seria remunerado. Se tudo isso fosse fato, haveria uma dispensa do livro didático. O professor assumiria seu lugar, prepararia a sua aula e dispensaria a apostila. "E a aula seria muito mais do que uma atividade mecânica".

Existe, ainda, resistência a que se atribua o caráter de profissão à dedicação, tempo pleno e apaixonado, à educação é comum insistir-se na distinção entre o educador do ser humano e o professor, mestre- escola transmissor de conhecimento acabados e técnicas instrumentais. Tradicionalmente visto como missão, ou como vocação e sendo aos poucos, substituída a dimensão religiosa aí implícita por uma disposição psicológica, mesmo que as evidências mostram o educador hoje como um profissional entre os demais, insiste-se em diferenciá-lo por algo mais. “não basta ser profissional” (MARQUES, 1990).

A cada dia, mais eficiente faz o mundo social humano de qualificação técnico - científica para os campos específicos de atuação, e a cada dia menos satisfatória se revelam as contribuições das ciências atomizadas e reduzidas a produção de técnicas instrumentais. A educação na qualidade de fenômeno extremamente complexo, vivo, histórico e conjuntural, exige uma racionalidade de dimensões plenas, isto é, na dimensão cognitivo – instrumental, na dimensão prática, ético normativa, na dimensão estético, subjetiva da vida cultural.

A identidade da profissão educador exige a formação dele a partir do caráter de unidade e totalidade da ciência da educação, que denominamos pedagogia, a ciência do entendimento, da organização e da condução do trabalho educativo na dimensão hermenêuticas da leitura dos sentidos presentes nos processos da educação, na dimensão comunicativa emancipatória da intencionalidade dos valores performativamente buscados e na dimensão praxeológica, o instrumental, dos objetos e conteúdos do saber com que lida a educação.

O professor em si não transmite conteúdo, dá assistência, sendo um facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos. A atividade é considerada um processo natural que se realiza, por intermédio da interação com o meio. O conteúdo da educação deveria consistir em experiências que o aluno reconstrói.

O professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam.

De acordo com MIZUKAMI (1994), cabe ao professor evitar rotina, fixação de respostas, hábitos. Deve simplesmente propor problemas aos alunos, sem ensinar-lhes as soluções.

Sua função consiste em provocar desequilíbrios, fazer desafios. Deve orientar o aluno e conceder-lhe ampla margem de autocontrole e autonomia.

Deve assumir o papel de investigador, pesquisador, orientador, levando o aluno a trabalhar o mais independente possível.

O professor deve conviver com os alunos, observando seus comportamentos, conversando com eles, perguntando, sendo interrogado por eles, e realizar, também com eles, suas experiências, para que possa auxiliar sua aprendizagem e desenvolvimento.

“Ora, é óbvio que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e construir os dispositivos de partida suscetíveis de apresentar problemas úteis à criança e, em seguida, organizar contra-exemplos que forçam a reflexão e obrigam o controle de soluções mais precoces: o que se deseja é que o mestre deixe de ser apenas um conferencista e estimule a pesquisa e esforço, em lugar de contentar-se em transmitir os problemas já solucionados.”

(Piaget, 1974, p. 18)

Ao professor caberá a orientação necessária para que os objetos sejam explorados pelos alunos, sem jamais oferecer-lhes a solução pronta. É indispensável, no entanto, que o professor conheça igualmente o conteúdo de sua disciplina, a estrutura da mesma, caso contrário não lhe será possível propor situações realmente desequilibradoras aos alunos.

2.0 . 0 - OS PROFESSORES, SEUS RELACIONAMENTOS E UMA CARACTERÍSTICA.

2.1 – Não há docência sem discência: PROFESSOR X ALUNO

Para MORALES (1998), a relação mantida ou esperada entre o professor e o aluno é foco de muitas reflexões na área da educação. Ao longo do processo histórico, muitas foram as abordagens sobre o tema e tais abordagens variam de acordo com o tipo de escola.



Figura 1: Professor e seu público alvo: o aluno.
Fonte: Google imagens.

A relação professor-aluno se dá dentro e fora da sala, e é essencial uma boa relação com o aluno, o relacionamento se dá mais dentro da sala de aula, onde os professores não pensam nas relações como pensam em elaborar e executar as tarefas docentes.

Mas, para o professor pensar na sala de aula como um lugar para um bom relacionamento abre horizonte e possibilidades, inclusive didáticas.

O modo como se relaciona com os alunos pode e deve incidir positivamente na aprendizagem assim como para a pessoal do professor. Sem deixar de lado o pensamento de que a relação também é profissional, com respeito e eficácia do trabalho realizado.

O professor explica, se comunica, informa, responde, os alunos por sua vez, escutam, perguntam, respondem, se comunicam verbalmente e não verbalmente, em cada relação uma especificidade.



Figura 2: O professor e seus ensinamentos, local de trabalho: sala de aula

Fonte: Google imagens

O primeiro dia de aula é muito importante, para determinar o restante das relações, pois, a primeira impressão é a que fica. Tem que ser clara e diferenciada e importante. As expectativas, os medos as disposições dependem em medida das primeiras aulas. Os professores devem querer a aprendizagem dos alunos, não seu fracasso, assim como um vendedor não quer espantar seus clientes, e ter uma boa relação com eles para obter sucesso profissional.

A participação do aluno dentro de sala de aula não deve se configurar como mera seqüência de tarefas elaboradas pelo professor a serem executadas. O aluno participa ativamente quando é capaz de compreender os objetivos de cada tarefa ou exercício executado, e, principalmente, quando seu desenvolvimento particularizado é respeitado.

Durante o trabalho realizado, os alunos demonstraram que a relação e o interesse pelos conteúdos ocorriam de forma significativa quando compreendiam os significados dos mesmos para sua vida cotidiana ou quando eram desafiados a criar, opinar ou refletir sobre os conteúdos, interagindo ativamente com seus colegas, a partir da mediação dos professores. Conseqüentemente, as potencialidades eram valorizadas, a atividade proposta ganhava sentido e a participação aumentava.

Como não há a prática de ouvir os alunos, torna-se difícil vê-los como seres totais o que, conseqüentemente, limita as possibilidades de reflexão acerca de novas propostas para o ensino. Essa desvalorização foi percebida na atuação diária dos professores que não acreditavam na capacidade de os alunos correlacionarem os conteúdos aprendidos com a sua realidade social.

Para melhor facilitar a relação professor-aluno os professores devem estar preparados para estimular em seus alunos a consciência global, ou seja, como o “eu”, como individuo, influencia o mundo e o todo onde vive.

Os professores não serão capazes de estimular qualquer prática, se eles não a experimentarem primeiro.

Por isso eles devem participar ativamente de uma Comunidade de Investigação, onde eles possam estruturar e rever seus pensamentos.

Para ser um bom professor é preciso saber ouvir. Depois é necessário que se tenha vontade de se envolver com os alunos.

“Quem ensina ofecere-se como modelo identificatório. Não se aprende por imitação, querendo fazer o mesmo que o outro faz. Aprende-se querendo parecer-se com quem nos ama e com quem amamos. Precisamos querer parecer-nos com o outro, que esse outro nos aceite como semelhantes, para podermos desejar diferenciarmos dele, com menos culpa ou, melhor ainda, podendo elaborar a culpa por diferenciarmos.”

(FERNÁNDEZ 2001, P. 40)

Eles não devem enxergar o professor como se fosse o único detentor do saber, devem perceber que esse processo de aprendizagem é tão importante para o professor como para elas.

Um professor autoritário, dominador, que não respeita a curiosidade do aluno, que não consegue ter vínculo com os mesmos, estará estimulando-os a assumirem comportamentos tais quais os dele, criando um ambiente de desarmonia.

Pode-se entender porque as relações interpessoais professor-aluno, quando apenas imaginizadas, tendem a promover, modalidades sintomáticas de acesso ao conhecimento: seja pelo excesso de nada faltar, seja pela violência da palavra que lhe é negada, do desejo não reconhecido ou esmagado por imperiosas demandas, às quais a criança não pode se identificar, seja pela pulsão de saber ignorada ou interdita. Se não cabe ao professor promover a sublimação, por ser um processo inconsciente, quem sabe, poderia ele fazer a experiência de escutar o desejo da criança, nas suas expressões mais diversas: nas suas realizações de

sucesso, nos fracassos, nos tropeços, na palavra tímida ou decididamente formulada, através das ocorrências vividas na dinâmica do grupo (lideranças, rejeições, convivência de grupos fechados e mecanismos de discriminação entre outros).

E essa relação professor aluno já vem sendo discutida por muitos autores há vários anos, Piaget (1974), diz que não há aprendizagem sem afetividade, que existe sim relação entre essas duas questões: aprendizagem e afetividade. Dificilmente haverá desenvolvimento intelectual sem afeto.

Nas relações cooperativas o respeito mútuo é uma exigência que implica a superação dos próprios pontos de vista, em compartilhar a prática de ensinar e de aprender, sendo alunos e professores agentes em constante diálogo.

“...toda conduta supõe instrumentos ou uma técnica: são os movimentos e a inteligência. Mas, toda conduta implica também modificação e valores finais: são os sentimentos. A afetividade e a inteligência são, assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos de toda conduta humana. “

(Piaget, 1962, p. 22).

O afeto é o princípio norteador da auto-estima que mantém uma estreita relação com a motivação ou o interesse do aluno para aprender.

Depois de desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina como 'meio' para conseguir o autocontrole e seu bem estar, são conquistas significativas.

O professor também pode ser surpreendido por atitudes e reações inusitadas dos alunos, inclusive agressivas, provenientes de problemas mal resolvidos da infância.

Muitas vezes, ouvi-se tanto do professor quanto do aluno, queixas e elogios de um em relação ao outro. Desde 1914, Freud já fazia uma reflexão sobre essa relação movida por sentimentos tão ambivalentes.

O professor deve amar as idéias e se permitir mergulhar na conversação.

O que os alunos dizem o professor deve levar a sério, eles devem aprender a dar outras razões, contra-exemplos, a fazer boas inferências, a questionar, etc.

Ensinar é como abrir um mundo novo, o ensino é vital, significativo e divertido.

“ (...) ele (professor) não deve ensinar pensamentos, mas a pensar, não se deve carregar seu aprendiz, mas guiá-lo se quer que ele seja apto no futuro a caminhar por si próprio (...) “ (KANT, 1997 , PG 45)

De acordo com FERRARI, (1991) o professor precisa tomar consciência da subjetividade e renunciar o papel de controlador, desocupando o lugar de poder que lhe é conferido histórico-ideologicamente.

O professor ao se relacionar com o aluno deve se comprometer com :

- A democracia;
- O diálogo autêntico;
- O pluralismo;
- A cooperação;
- O risco;
- A aceitação do novo, do inesperado;
- A escuta;
- O bom senso;
- A generosidade;
- A autocorreção;
- O respeito;
- A alegria.

Além disso, esse professor:

- É naturalmente provocativo e questionador; sabe dar importância dessa postura para um trabalho eficiente e eficaz;
- Tem atitude filosófica e sensibilidade aos lemas filosóficos;
- É dialógico e problematizador sempre;
- É democrático e rigoroso: persegue o que foi dito aprofundado ao Máximo o tema proposto;
- Sabe que liberar a imaginação de seus alunos é liberar sua capacidade de invenção;
- Está ciente de risco de intencionalmente ou não terminar por incentivar seus alunos a adotarem sem crítica seu sistema de valores.
- Busca tenacidade e coerência à lógica dos pontos de vista apresentados;
- Sabe dar importância do erro no processo investigativo;
- Promove a autocorreção dos alunos, criando junto com eles um clima de seriedade, um espaço seguro de respeito mútuo;
- É empático;

- É aprendiz;
- Estimula seu aluno a aventurar-se, por que ele mesmo o faz;
- Prepara-se bem para o trabalho, pois sabe que, quanto melhor preparado estiver, mais flexível e menos espontâneo será;
- Sabe que parte da verdade esta com ele e parte com os alunos e que juntos deverão procurá-la em sua totalidade;
- Preocupa-se em aprofundar ao máximo na discussão das questões formuladas pelos alunos;
- Fica atento a si próprio sabendo da sua importância como modelo para seus alunos;
- Estimula a participação de um maior número de alunos;
- Vendo que cada um diz uma possível fonte de verdade.

Os professores que coordenam este trabalho são aqueles que educam para pensar.

São aqueles que acolhem amorosamente a contribuição de cada aluno. Acolhem e investigam.

E esse prazer de investigar, de buscar o desconhecido, acaba contagiando seus alunos.

Segundo FONTANA (1991), ao trabalhar com crianças de qualquer idade, o professor jamais deve pressupor que as tentativas de pensamento de uma criança para resolver um problema são, simplesmente, uma versão imatura do próprio pensamento dele. Com frequência, as respostas fornecidas pelas crianças podem fazer sentido para elas, conforme a maneira como são capazes de conceitualizar o material à sua frente.

A tarefa do professor, portanto, deveria ser a de avaliar em que nível a criança está pensando. É evidente que isso não significa submeter cada aluno da classe a uma série de experiências piagetianas.

A idade cronológica de cada criança constitui, um guia e, com ele, o professor deve lembrar-se do nível de pensamento apropriado a essa idade e, em seguida, perguntar-se se as crianças parecem estar funcionando nesse nível e se o material de ensino está-lhes sendo apresentado de forma adequada a essa idade.

Embora devam ser dadas oportunidades aos alunos para conceitualizar em níveis mais elevados do que aquele associado a sua idade cronológica, a falha para tirar vantagem dessas oportunidades não deve ser considerada um sinal de inadequação (ou de falta de interesse) por parte delas.

Em nenhum momento se deve fazer o aluno sentir-se confuso ou culpado se a falha for devida a uma incongruidade entre o material apresentado e o próprio nível de conceitualização da criança.

Ao se planejarem os métodos de ensino, deve-se considerar o nível de desenvolvimento conceitual do aluno. Em todos os estágios anteriores ao início das operações formais, por exemplo, a capacidade de conceitualização das crianças está intimamente ligada a sua atividade física e elas necessitam, portanto, experimentar os problemas (ou ter previamente experimentado suas características definidoras) de forma concreta. Colocados em um ambiente extremamente formal e exclusivamente orientado pelo professor, os alunos são, em consequência, privadas das experiências práticas que servem de matéria-prima para seu pensamento.

Se restringirmos sua experiência, limitaremos sua conceitualização.

Segundo FREIRE (1996), é certo de que o professor não pode deixar sua maneira afetuosa atrapalhar seu cumprimento com a ética de ensinar.

Porém se tornar um professor frio, distante e “cinzento” não ajudará ao certo na aprendizagem.

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigidez.

A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.

E esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Mas é preciso, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria.

“A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. *É* exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da "morte da História" propõe. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz. Daí o caráter desesperançoso, fatalista, anti-tópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação. Um educador com muito pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes, de exercitador de destrezas.”

(FREIRE, 1996, P. 143)

2.2 – Relação Entidade Escola E Professor.

Para MIZUKAMI (1994), a escola, fundada nas concepções dessa abordagem, é o lugar por excelência onde se realiza a educação, a qual se restringe, em sua maior parte, a um processo de transmissão de informações em sala de aula e funciona como uma agência sistematizadora de uma cultura complexa.

A escola é o lugar também por excelência onde se raciocina. Defende um ambiente físico austero para que o aluno não se distraia. Considera o ato de aprender como uma cerimônia e acha necessário que o professor se mantenha distante dos alunos.

Para tal tipo de abordagem, a escola não é considerada como a vida, mas, sim, como fazendo parte dela. O professor, por sua vez, será o mediador entre o aluno e os modelos.

A escola tradicional, quando não transformada em caricatura, considera que os conhecimentos adquiridos não valem por si mesmos, mas como meio de formação e de ir mais além.

Em grande parte das vezes, no entanto, a escola funciona diferentemente do proposto, chegando ao que denomina caricatura.

Uma escola desse tipo é frequentemente utilitarista quanto a resultados e programas preestabelecidos.

O tipo de relação social estabelecido nesta concepção de escola é vertical, do professor (autoridade intelectual e moral) para o aluno. As possibilidades de cooperação entre os pares são reduzidas, já que a natureza da grande parte das tarefas destinadas aos alunos exige participação individual de cada um deles.

Considerando-se que uma das vertentes dessa abordagem atribui à educação o papel de ajustamento social, caberia igualmente à escola oferecer às gerações submetidas ao processo os elementos dominantes num determinado momento sócio-cultural, de forma que fosse garantida a continuidade das ideias, sem rupturas e sem crises.

A escola, portanto, assumindo-se como agência de controle social, pode ser vista como uma agência de limitação do desenvolvimento da individualidade da pessoa, porque atua de modo que esta seja mascarada ou preenchida por valores sociais e não pessoais, quando oferece ao sujeito as opções permitidas pelo caráter social, como caminhos para que ele desenvolva suas características.

(COSTA apud MIZUKAMI p. 29)

Esta entendida aqui não somente como a instituição de ensino, mas também como autores que compartilham de uma mesma teoria sobre o assunto. Por exemplo, a Escola Tradicional (instituição de ensino) - como é denominada o método de educar adotado antigamente - pregava o professor como autoridade máxima e o aluno não devia questionar suas ordens e nem seus ensinamentos.

A hierarquia era rígida e essa inflexão era mantida também na forma pela qual o professor e o aluno deveriam se relacionar.

Existe, na escola, um espaço de trabalho que, na maioria das vezes, não vem sendo preenchido.

Esse espaço deve ser ocupado por uma liderança competente, capaz de atuar junto ao professor e de buscar, com ele, sua revalorização. Mais do que pretender ensinar novas metodologias de ensino, a grande questão de nossas

escolas é encontrar caminhos que possibilitem, ao professor, a revisão de sua própria prática, a descoberta de alternativas possíveis de ação.

Castigos como a palmatória, o milho eram métodos empregados na correção de qualquer transgressão, se assim considerasse o mestre.

Cada escola possui uma maneira de auxiliar o professor, para que ele desempenhe seu papel de maneira eficaz, que é garantir o aprendizado do aluno. Usar das inovações, das estratégias instrucionais, para facilitar a aprendizagem.

Mas para Neill (1963) essas técnicas audiovisuais, técnicas didáticas, recursos, meios, mídias etc., têm pouca importância.

“...não temos novos métodos de ensino, porque não achamos que o ensino, em si mesmo, tenha grande importância. Que uma escola tenha ou não algum método especial para ensinar a dividir é coisa de sobremesa, pois a divisão não é importante senão para aqueles que querem aprendê-la. E a criança que quer aprender a dividir aprenderá, seja qual for o ensino que receba.”

(NEILL, 1963, P.5)

2.3 – O envolvimento de uma importante figura com o importante professor: Família.

Para FONTANA (1991), devido às grandes mudanças ocorridas no papel e na composição das famílias nucleares e estendidas, o professor precisa, com frequência, rever as noções preconcebidas sobre os antecedentes domésticos das crianças.

Talvez por possuir uma vida familiar feliz, o professor pode não perceber a pressão, exercida sobre uma criança, pela discórdia contínua (e talvez violência física) entre os pais, ou pelo alcoolismo de um pai ou de uma mãe, ou por um lar com um único progenitor, em que a criança tem que assumir, muito cedo, a responsabilidade pelos irmãos mais novos.

O professor pode também não ter consciência do tipo de exigências que podem ser feitas, à criança, por pais dominadores ou emocionalmente desequilibrados, ou dos diferentes tipos de estresse causados por um pai com depressão crônica que é incapaz de lidar com as tarefas da vida doméstica.

Uma vez consciente dessas exigências, o professor dificilmente achará surpreendente que crianças que enfrentam dificuldades desse tipo no lar, com frequência apresentam problemas de comportamento na escola.

Tais problemas podem se traduzir, simplesmente, pela exaustão física ou pela falta de motivação, mas também podem assumir a forma de um retraimento, em que a criança, preocupada com aborrecimentos no lar, é incapaz de ligar-se a outras e participar das atividades escolares. Na pior das hipóteses, eles podem assumir a forma de exigências extremas de atenção do professor ou de ressentimento e hostilidade com relação ao mundo em geral.

O professor deve sensibilizar-se à poderosa influência do ambiente familiar da criança sobre a conduta escolar.

Evidentemente, o professor pouco pode fazer para mudar esse ambiente. Os professores não são assistentes sociais e qualquer tentativa de interferência provavelmente provocaria ressentimentos e seria contraprodutiva (embora o professor deve estar sempre pronto a comunicar ao diretor e, através deste, aos serviços sociais, qualquer caso de negligência ou abuso físico). Mas a compreensão e a simpatia demonstradas com relação às crianças na escola podem auxiliá-las a conviver com os problemas no lar.

E praticamente desnecessário dizer que crianças profundamente atingidas por tais problemas não devem ser ainda mais perturbadas por um ambiente escolar insensível, em que não se consideram as razões pelas quais elas não conseguem se concentrar nas tarefas ou fazer os deveres de casa ou se relacionar satisfatoriamente com as outras.

Atrasos para chegar à escola, ausências constantes, impopularidade com outras crianças, demonstrações repentinas de temperamento violento e mau humor generalizado podem ser devidos a dificuldades em casa, e é parte da tarefa do professor observar atentamente essas dificuldades antes de decidir a ação a tomar.

Os professores também devem ter em mente que as crianças, muitas vezes, podem relutar em admitir transtornos domésticos, ou por vergonha ou por lealdade a seus pais. Além disso, muitas crianças com esse tipo de antecedentes podem também ser relativamente inarticuladas e podem encontrar dificuldades para

traduzir seus problemas em palavras, particularmente se não tiverem certeza de uma acolhida simpática.

Os pais também precisam demonstrar um interesse atuante pela escolarização dos filhos, pois esse interesse associa-se positivamente a seu progresso escolar. Através de seu interesse pela educação da criança, os pais demonstram-lhe a importância que dão tanto ao seu bom progresso escolar quanto a ela mesma enquanto pessoa. Tal interesse por parte dos pais também leva, comumente, a ofertas de ajuda nas tarefas escolares que a criança leva para casa, o que significa que os pais importam-se com as funções da escola e em geral, familiarizam-se com ela e com seus padrões e valores.

Significa que eles acabam conhecendo os professores da criança e podem procurar pelo conselho destes, enquanto os professores também se beneficiam, pois acabam sabendo mais sobre os antecedentes da criança e podem discutir problemas de aprendizagem em que os pais podem ser úteis.

Os professores muitas vezes dizem que os pais que eles gostariam de ver são os que raramente se aproximam da escola, o que é, sem dúvida alguma, verdadeiro; mas mesmo quando os pais nunca comparecem a reuniões e outras oportunidades de encontrar os professores, isso não significa, necessariamente, que eles não se interessem pelo progresso da criança. Na verdade, quando certos pais sistematicamente não comparecem à escola, esta precisa procurar os motivos de não conseguir atrair-lhes a atenção. Talvez esses pais sintam-se intimidados pela escola e por seus funcionários bem conceituados e educados. Ou, talvez, eles saibam que seus filhos não estão com bom desempenho na escola e sintam-se envergonhados ou não queiram ouvir queixas ainda piores sobre eles.

2.4 – O Humor Dos Professores Também Muda

Antes de deixarmos a questão da disposição de ânimo, contudo, é adequado assinalar que os próprios professores também estão sujeitos a esses estados variáveis.

A maneira como os professores se sentirão em determinado momento dependerá de uma série de fatores, tais como seu próprio temperamento, seu

relacionamento com as crianças e os colegas, a forma como eles se sentem a respeito da matéria a ser ensinada, o estado de suas vidas particulares fora da escola e assim por diante.

Entretanto, a fadiga física profunda também pode ser importante. Especialmente por volta do final do ano letivo, alguns professores sentem o que é frequentemente chamado de débito de fadiga, ou seja, eles percebem que o cansaço do dia precedente não se dissipou completamente após o descanso do final da tarde e uma noite de sono e, em consequência, eles têm que retirar energia de suas reservas para continuar o trabalho.

Nessas horas, irritações menores que, normalmente, passariam quase despercebidas, podem assumir um significado maior e o professor, talvez, em consequência, começará a repreender as crianças. Longe de resolver os problemas, isso servirá apenas para irritar as crianças, causando problemas ainda maiores para o professor e provocando um estado de tensão em todas as pessoas envolvidas.

O melhor conselho que se pode oferecer nesse caso é que os professores devem ficar atentos a suas próprias mudanças de humor e ao efeito que elas podem ter na classe.

Como já visto neste trabalho de pesquisa, as crianças desenvolvem-se melhor quando recebem um tratamento consistente dos adultos importantes em suas vidas. Tal tratamento permite-lhes gradualmente adivinhar o que ocorrerá em seguida em seu relacionamento com esses adultos e encarar seu mundo social como um lugar essencialmente compreensível e lícito.

À medida que crescem, evidentemente, começam a perceber que certo grau de flutuação no comportamento daqueles ao seu redor parece inevitável, mas ainda deve haver consistência suficiente para que elas se sintam seguras e aprendam estratégias viáveis adequadas para controlar os relacionamentos com os pais, professores e outros adultos em posições de autoridade superior a elas.

Quando os adultos não conseguem mostrar uma consistência desse tipo, as crianças sentem-se confusas e indecisas e, talvez, até mesmo ressentidas e hostis ao verem o comportamento do adulto como inexplicável e injusto para com elas.

Assim, por mais difícil que pareça, o professor não pode se dar ao luxo de ter mudanças de humor que alterem, de maneira significativa, o comportamento em relação a cada criança ou à classe como um todo.

As crianças respeitam o professor com quem elas "sabem onde estão" (é por isso que mesmo o professor severo e distante em geral impõe respeito) e, em geral, têm pouca consideração por qualquer um que flutue desordenadamente do bom ao mau-humor, da amizade à reserva, da simpatia à indiferença e da brandura à rigidez.

Contanto que isso não aconteça frequentemente e não venha, portanto, a ser encarado pelas crianças como uma desculpa tediosa, é melhor, para professores extremamente fatigados ou indispostos em um determinado dia, dizer à classe sobre seu estado no início da aula, para que as crianças possam compreender porque seu comportamento pode estar um pouco diferente do normal.

Alguns professores condenam essa prática, e vêem-na como um sinal de fraqueza, mas é melhor que as crianças saibam e compreendam do que deixá-las confusas e hostis.

Quando o relacionamento com a classe é bom, os professores também se sentirão estimulados com a solicitude e a bondade demonstradas por muitas das crianças. É desnecessário dizer que isso pode ser visto claramente quando os próprios professores são encarados pelas crianças como seres sensíveis aos problemas delas também.

3. 0 – Os desafios encontrados na prática docente.

3.1 – Os avanços tecnológicos, inclusão digital.

Para MERCADO (2002), a fusão da informática com a educação foi um dos melhores recursos que ocorreu no sec. XX , isto beneficiou muito a educação no nosso mundo atual.

Graças a esse fator, o professor hoje em sala de aula pode trabalhar com seus conteúdos mais rápidos e com uma explicação mais favorável para que os alunos possam entender e se interessar mais pelo assunto, isso enriqueceu muito o conhecimento do aluno.

E favoreceu em diversos pontos, desde a base o sub-topo e o topo, a base sendo o ensino fundamental o sub-topo onde o aluno passa a frequentar os cursos superiores e o topo e quando o aluno já sai qualificado para o mercado de trabalho.

Mas considerando toda a tecnologia atual vigente, é fácil admitir que a TV, a Internet e todos os outros meios eletrônicos de comunicação, são concorrências desleais para a escola, os alunos atuais são extremamente dinâmicos e necessitam de uma atenção particular do professor neste sentido.

As novas tecnologias podem ter um significativo impacto sobre o papel dos professores, em termos de conteúdos, métodos e uso da tecnologia, apoiando um modelo geral de ensino que encara os estudantes como participantes ativos do processo de aprendizagem e não como receptores passivos de informações ou conhecimento, incentivando-se os professores a utilizar a informática e começarem a retomar suas aulas e a encorajar seus alunos a participarem de novas experiências.

Para FAGUNDES (2010), os professores em formação necessitam desenvolver competências de formular questões, equacionar problemas, lidar com a incerteza, testar hipóteses, planejar, desenvolver e documentar seus projetos de pesquisa.

A prática e a reflexão sobre a própria prática são fundamentais para que os educadores possam dispor de amplas e variadas perspectivas pedagógicas em relação aos diferentes usos da informática na escola.

Que não tenha medo de errar nem vergonha de dizer "não sei" quando estiver em frente a um micro.

O computador não é um simples recurso pedagógico, mas um equipamento que pode se travestir em muitos outros e ajudar a construir mundos simbólicos.

O professor só vai descobrir isso quando se deixar conduzir pela curiosidade, pelo prazer de inventar e de explorar as novidades, como fazem as crianças.

É fundamental que a capacitação ofereça ao professor experiências de aprendizagem com as mesmas características das que ele terá de proporcionar aos alunos, futuros cidadãos da sociedade conectada.

Isso pede que os responsáveis pela formação se apropriem de recursos tecnológicos e reformulem espaços, tempos e organizações curriculares. Nunca devem ser organizados cursos de introdução à microinformática, com apostilas e tutoriais. Esse modelo reforça concepções que precisam ser mudadas, como a de um curso com dados formalizados para consultar e memorizar.

Em uma experiência desse tipo, o professor se vê como o profissional que transmite aos estudantes o que sabe. Se ele não entende de computação, como vai ensinar? Aprender é libertar-se das rotinas e cultivar o poder de pensar.

Há excelentes condições para que isso aconteça.

No Brasil já temos mais de 20 anos de estudos e experiências sobre a introdução de novas tecnologias digitais na escola pública.

Esses dados estão disponíveis.

O Ministério da Educação vem criando projetos nacionais com apoio da maioria dos estados, como o Programa Nacional de Informática Educativa e o Programa Nacional de Informática na Educação.

Muitas organizações sociais e comunitárias também colaboram nesse processo.

3.2 – Um empecilho para continuar exercendo a profissão e por que ela não atrai: a remuneração.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da educação artigo 67, os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

- I- ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;
- II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;
- III- piso salarial profissional;
- IV- progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;
- V- período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;
- VI- condições adequadas de trabalho.

(Lei das diretrizes e bases da educação, 1996, p 43.)

Fernandes (2001) expõe que a insuficiência do Subsídio Literário fazia com que existissem poucas escolas e que os salários dos professores fossem muito baixos, no século XIX. A situação de abandono das escolas estatais de Primeiras Letras da Paraíba, em 1821, que não encontravam quem ensinasse pelo baixo salário oferecido.

No Maranhão, em 1822, manda-se elaborar editais para contratar professores com ordenados tão baixos que se propunha o dobro para que ele desse para a mínima subsistência.

A situação é idêntica em Pernambuco e no Piauí: a carência de professores era atribuída aos baixos salários e à falta de pessoas "instruídas e idôneas" que pudessem ensinar.

No Piauí, existiam três escolas quase sempre vagas porque não havia quem aceitasse receber um salário que era menor do que 1/3 do que recebia um feitor de escravos (com cama e mesa). A igualdade dos salários para professores aprovados é instituída somente com a primeira legislação específica sobre o ensino primário (Lei Geral de 1827), mas, existiam brechas para diferenciações salariais, pois, caso não houvesse nenhum aprovado, era autorizada a contratação de candidatos não-aprovados, com a condição de pagá-los com salários menores (com menor instrução, as moças eram, possivelmente, as candidatas contratadas, ganhando menos).

Na década de 1860, apresenta que o Estado reduziu o vencimento dos professores públicos (o que também ocorreu em São Paulo, entre 1903-1904), o que

repercutiu (em 1867) na baixa frequência da Escola Normal porque os vencimentos não atraíam, especialmente em região fértil de recursos. Por volta de 1880, a remuneração era muito baixa, só poderia exercê-la quem tivesse atividade paralela ou a família para apoiar (como as mulheres), ou não tivesse encontrado nenhuma outra atividade melhor.

Os professores na corte entre as décadas de 1870-80, eram geralmente provenientes de classes pobres, recebiam pouco e precisavam do salário para sobreviver, não tinham condições de aprimorar os estudos e frequentar a Escola Normal, além de terem representações sobre si mesmos de pobreza, austeridade, sacrifícios, sacerdócio e missão.

As reclamações sobre vencimentos parecem ser uma constante junto ao professores, ao longo das décadas.

Nas primeiras décadas do século XX, apesar do discurso dos educadores e intelectuais que atribuíam ao magistério primário características que mais os aproximavam de um sacerdócio ou de uma missão do que do trabalho assalariado, encontram-se escritos em revistas que demonstram que os professores não somente reclamaram dos baixos vencimentos da categoria, mas procuraram organizar-se em associações, ou seja, o propalado prestígio não impedia que a categoria fosse extremamente mal-remunerada. Poucos se dedicavam com afinco ao ensino.

Em 1901, um regulamento proibia que os professores, exercessem outras atividades (além das aulas particulares).

Em 1903, encontram-se trechos dizendo que ou abandonava-se o magistério ou ter-se-ia uma vida de dificuldades, pois a profissão não dava para sustentar uma família.

Em 1906 e 1918, a denúncia de que os vencimentos são insuficientes continua: os salários recebidos não mais bastavam para as despesas básicas e necessidades mais urgentes da vida por estarem situados ainda em patamares iguais aos do ano de 1891 (mesmo em 1891, o salário já era insuficiente e, em 1905, eles tinham sido rebaixados).

Em 1910, no qual se diz que as mulheres são preferidas para desempenhar a docência por causa da sua vocação (afeto e aptidão para ensinar crianças) e porque a exiguidade dos vencimentos que o Estado oferece aos professores não permite que o homem exerça essa função, sendo a mulher mais resignada e fácil de

contentar, e quase sempre assistida pelo marido, pelo pai ou pelo irmão, por isso podendo aceitar o professorado e desempenhá-lo com assiduidade e dedicação, apesar da baixa retribuição.

O magistério se tornava a única profissão que conciliava as funções domésticas da mulher gerava preconceitos que bloqueavam sua profissionalização. No entanto, o magistério feminino apresentava-se como solução para o problema de mão-de-obra para a escola primária (pouco procurada pelo elemento masculino, em vista da reduzida remuneração), por isso as órfãs eram destinadas, em várias províncias, ao magistério primário, que oferecia poucos salários.

O fato de serem as mulheres a ocupar essa atividade serve para justificar os baixos vencimentos, pois, usualmente, elas não são o único ou o principal componente do orçamento familiar e, supostamente, contentam-se com menor remuneração.

Os professores, no início do século XX, muitas vezes recebiam salários menores do que pedreiros, carpinteiros e carroceiros. Contudo, também encontra mulheres do interior paulista, na década de 1930 e 1940, que achavam bom o salário na época em que lecionavam, o que lhes assegurava uma vida melhor. Assim, analisa que não foi só o salário que levou ao afastamento do homem do magistério, mas também questões de identidade sexual, movidos que estavam pelo fato de a profissão ter se tornado feminina, pois, apesar de estar entre as profissões mal-remuneradas.

Assim sendo a profissão docente nunca foi valorizada, ao contrário, sempre foi alvo de péssima remuneração salarial e a sua não-valorização antecede o ingresso das mulheres nesse campo profissional.

Na segunda metade da década 1940 e ao longo da década de 1950, a profissão de professora era uma das poucas opções para o universo feminino e, no Rio de Janeiro, ao formar-se, a professora tinha emprego garantido na rede pública de ensino, com remuneração bastante significativa.

Apesar de terem alguns direitos assegurados na década de 1970, como jornada de trabalho compatível, salários não diferenciados dos salários masculinos, aposentadoria aos 25 anos de serviço, licenças de saúde e maternidade, entre outros benefícios, a profissão continuava sendo mal-remunerada.

O salário de um professor em 1994 equivalia a apenas 15% do salário que era recebido em 1979, recebendo menos que pedreiro, vendedor, carteiro, motorista

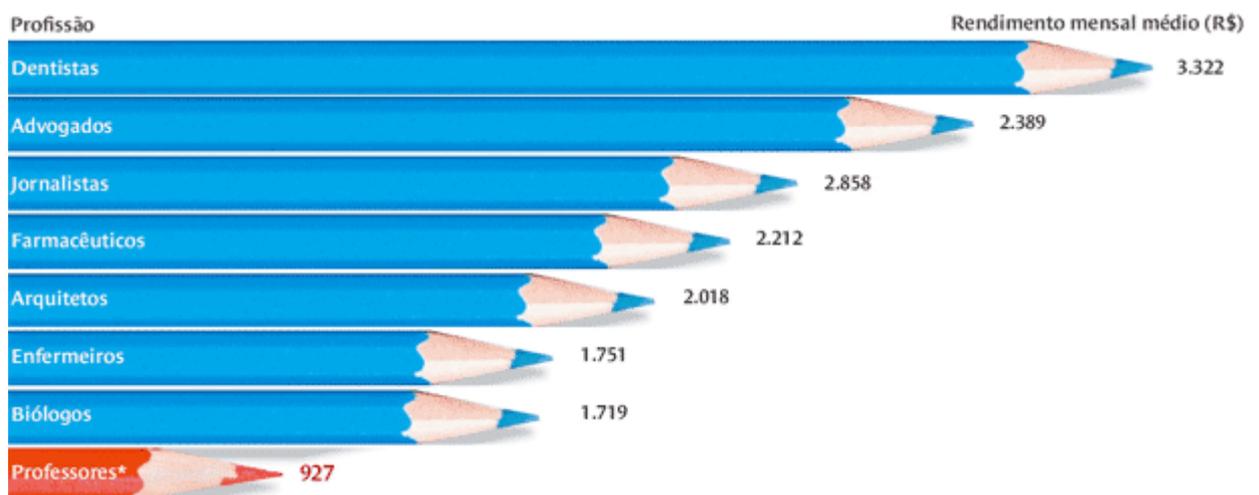
de ônibus, enfermeiro auxiliar (sem diploma de nível superior), entre outros; e muito menos da metade do que recebem os profissionais com exigência de habilitação de ensino superior (enfermeiros, médicos, engenheiros, químicos, psicólogos).

De acordo com PAGANOTTI apud revista Nova Escola (2011), em comparação com outras profissões que exigem curso superior, a docência ainda ostenta as piores médias salariais (veja gráfico abaixo).

A conta é simples: como ocorre em qualquer outra ocupação, se a remuneração não compensa, os melhores candidatos podem se afastar. “Aumentar os salários é uma medida que pode fazer efeito a longo prazo, pois atrairá os melhores alunos do Ensino Médio para a carreira”, Naércio Menezes Filho, economista da Universidade de São Paulo (USP).

A dificuldade mais evidente é que a recuperação salarial de toda a categoria exigiria um alto investimento do governo. Também seria preciso aprofundar a opção pela Educação Básica, pois hoje o Ensino Superior recebe proporcionalmente muito mais recursos - cada aluno de Universidade custa, em média, seis vezes mais do que um aluno de 1ª a 4ª série.

Dezessete especialistas de diversas áreas da Educação dizem que ainda é pouco, na comparação salarial com outras profissões de formação superior, a docência segue perdendo.



* Entre os profissionais da Educação Básica.

Gráfico 1: Comparação salarial.

Fonte: Pesquisa Professores do Brasil: Impasses e Desafios, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2006) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com os resultados do estudo da Fundação Victor Civita apud Nova Escola (2011), baixos salários, desvalorização social e más condições de trabalho fatores afasta a maioria dos alunos que em algum momento chegou a pensar em se tornar professor.

O professor é fundamental para a sociedade e exerce um trabalho importante, nobre, gratificante e de muita responsabilidade. Mas, os jovens brasileiros hoje não querem essa profissão, dizem “muito obrigado”

O trabalho é mal remunerado e o docente é confrontado pelos alunos, esquecido pelo governo e desvalorizado pela sociedade, apenas 2% dos estudantes do terceiro ano apontaram a Pedagogia ou algum tipo de Licenciatura como primeira opção de carreira.

Esse resultado bate com o panorama dos maiores vestibulares do país. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2009, Pedagogia, Licenciaturas e outros cursos ligados à formação de professores têm uma relação candidato/vaga bastante desfavorável.

O maior vestibular do país, promovido pela Fundação Universitária para o Vestibular, oferece 109 opções de cursos. E a graduação em Pedagogia no campus de São Paulo está na 90ª posição - no de Ribeirão Preto, é ainda pior: 92ª. Licenciaturas e disciplinas da Educação Básica são ainda menos procuradas pelos jovens.

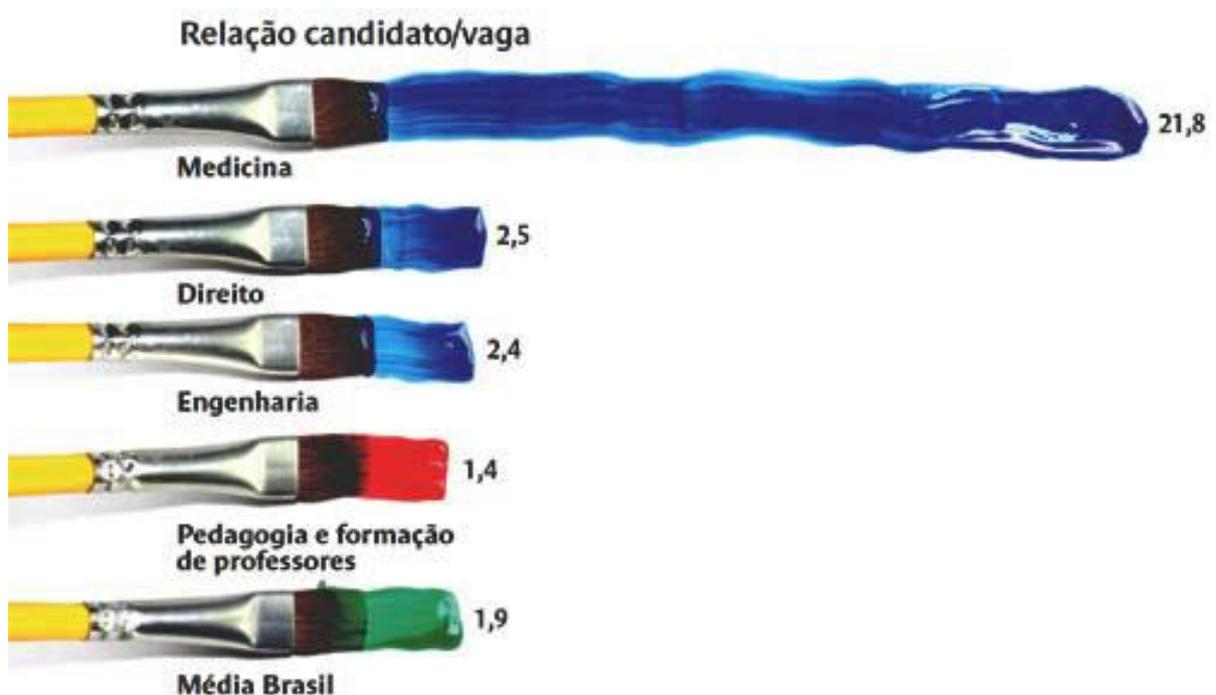


Gráfico 2: média das universidades brasileiras e no maior vestibular do país, a relação candidato/vaga dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas é uma das mais baixas.

fonte: FUVEST 2010

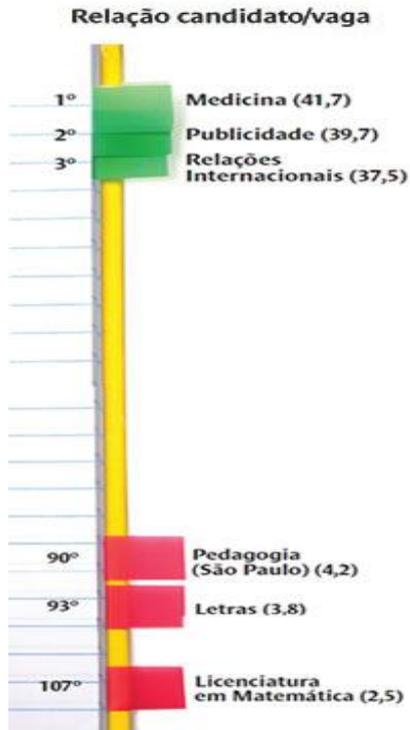


Gráfico 3 : Candidato/Vaga

Fonte: FUVEST 2010.

3.3 – Nem todos estão preparados: inclusão

De acordo com a Declaração de Salamanca, (1994) toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem.

Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades.

Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma

educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

“A inclusão social é o processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiência procuram adaptar-se mutuamente tendo em vista a equiparação de oportunidade e, conseqüentemente, uma sociedade para todos. A inclusão (na sociedade, no trabalho, no lazer, nos serviços de saúde, etc.) significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida.”

(SASSAKI, 1997, P.168)

Segundo HOLLY (2000), o conteúdo do professor profissional tende a relacionar-se com a vida cotidiana, com os acontecimentos mundiais; com a relevância, o interesse e a curiosidade e com as diferenças individuais dos alunos.

Portanto, as tarefas do docente exigem flexibilidade, maturidade psicológica, criatividade e complexidade cognitiva.

E o professor não está preparado para enfrentar sozinho essas incorporações, ao avaliarem a capacitação de 500 docentes ao ensino de alunos com necessidades especiais, constataram que 96% dos docentes do ensino público consideraram-se despreparados, sendo que 87% não tiveram qualquer treinamento específico.

Há um despreparo da maioria de docentes de diversos níveis de ensino ao atendimento de alunos portadores de necessidades especiais.

Para que os professores não sejam mais uma vez culpados pelo insucesso escolar para VITALINO (2007), para alcançar o êxito da educação inclusiva, as instituições devem centralizar esforços na educação e treinamento de docentes, no desenvolvimento de materiais didáticos específicos e nas avaliações contínuas de docentes e alunos com necessidades especiais, de forma a inferir o grau de eficiência e propor políticas de educação continuada para o atendimento adequado e satisfatório das necessidades demandadas.

A inclusão implicou a formação de professores e propostas de ensino, não permitindo o preconceito e discriminação, mas sim, estimulando a interação de todos com o mundo e a promoção da auto-estima do aluno especial.

Destaca-se a preocupação com a formação e qualificação de profissionais porque, ao se referir à educação inclusiva, o professor deve estar preparado para

desafios e propor soluções, como promover a integração de grupos, a partir da conscientização e aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana e aprendizagem por meio de cooperação.

Portanto para FREITAS (1998), o docente necessita de capacitação, um preparo para garantir o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários a uma ação segura.

É importante a formação e qualificação de professores, para atuarem frente à diversidade e desempenhar uma educação de qualidade.

É indispensável o treinamento e acompanhamento de professores, pois a educação inclusiva terá sucesso se todos os envolvidos, universidade e professor, forem responsáveis nas atitudes e valores.

Conclusão

Ao findar esta pesquisa, mediante todos os dados nela contidos, baseados em todas as informações aqui presentes, pode-se observar como a prática docente foi surgindo através de uma grande necessidade, e de certo modo essa profissionalização não está intrínseco desde sempre, mas com o passar do tempo o indivíduo vai se descobrindo e se identificando com sua profissão.

E como saber se seu desejo é ser professor, primeiro se tiver uma vontade de fazer um comprometimento com a educação, e com crianças que o levarão como ídolo. Segundo, entender que todo prazer estará em sala de aula junto com seus alunos e o esclarecimento de suas dúvidas, e não no fim do mês com seu salário já é um grande passo para aqueles que querem se tornar mestre.

Para ensinar há uma regra a cumprir – saber.

Os professores tem em comum várias características, pois, a profissão exige essas, para que ele consiga sem medos vencer o dia a dia do seu ano letivo: a paixão pelos livros, pela transmissão de conhecimento, dom da fala, dom da expressão, tem que ser carismático, competente, rígido, amoroso, virtuoso, tudo isso sem deixar de lado o carinho, pois, onde há afetividade na certa haverá mais aprendizagem.

De certa maneira o professor deve amar o que faz, e amar seus alunos, criar-se uma relação tanto quanto amorosa, pois, em um ambiente onde reine a competição, a autonomia exagerada, a frieza, o não entendimento de que aquele aluno não possui conhecimento previo nenhum, e tudo é novo para ele, será difícil harmonia entre os dois, e um precisa do outro.

O aluno enxerga em seu mestre um Deus da verdade, as vezes não questiona nada mencionado por acreditar fielmente naquele ser que esta um degrau acima dele, o professor por sua vez tem que estimular então as duvidas do aluno e mostrar a ele que aquele processo de aprendizagem depende fundamentalmente dele também.

É com os alunos todo o relacionamento em todo processo letivo, em certas idades o aluno ainda não adquiriu toda a responsabilidade necessária para cumprir seu papel como aluno, é ai que entra a vez daqueles que vem ao auxilio do professor : a família.

Tem que partir da familia o interesse tambem da vitória, o professor nem sempre tem essa ajuda, infelizmente muitos dos pais é contra os métodos dos professores, não ajuda, apenas critica, não aparece nas escolas, não cumpri com seu papel.

E ainda sim qualquer erro com seu filho, ele certamente culpa-rá uma única pessoa: o professor.

A questão da familia na escola tem que ser melhorada, e os alunos que mais precisam, os alunos que despertam a atenção para o desmanzelo, para a irresponsabilidade, a falta de aprendizagem e interesse, na maioria das vezes são filhos daqueles que os professores desconhecem, pois não os viu durante os 200 dias letivos.

Não pode jogar toda a responsabilidade de aprendizagem sobre o professor, essa tarefa é árdua, é um fardo pesado, e tem quem que ser didivida.

Em alguns casos o aluno cresce e progride, parabens ao aluno, é otimo e responsavel, seu mestre nem é lembrado. Se o aluno não progride, a culpa é imensamente do professor, nem se quer fala-se ou pensa-se em família.

A escola também precisa contribuir e muito com os professores, dar mais ouvidos a eles e te-lô como o principal membro daquela entidade, mas isto, não acontece, mas uma vez os mesmo que se razão, ganham qualquer razão em cima dos professores.

O ambiente de trabalho não tem sido favorável aos professores, conforme a Lei n. 11.947/2009 tem direito a alimentação escolar os alunos matriculados na educação básica pública oferecida em creches e pré-escolas, no ensino fundamental e médio e em estabelecimentos mantidos pela União, e ainda das escolas indígenas e quilombolas.

Portanto é vedada aos professores, merendeiras e funcionários das escolas a alimentação escolar.

Em todos e quaisquer lugares é fornecido lanche por parte dos patrões aos seus funcionários, os professores tem mais esse empecilho para sua carreira docente, o professor merece comer tanto quanto o aluno, pois, também sente fome, também precisa, para levar da sua casa alguma espécie de lanche todos os dias, teria que tirar mais um gasto do seu ordenado.

E por falar em recebimentos, é uma vergonha o salário do professor, esse tem sido uns dos principais motivos para a carreira estar sendo deixada de lado por estudantes que concluem o ensino médio e pensam em se ingressar na faculdade.

Os outros motivos pode se ressaltar: violência escolar, descaso por parte do governo e sociedade. A sociedade quer um professor para ensinar, mas critica e não valoriza essa profissão.

Não parece justificável o valor que o professor recebe, tendo um diploma de grau superior como outro diploma.

Bastaria então os governos e todos os municípios sem exceção cumprir apenas a lei nº 11.738, apenas isso, cumprir a lei do piso salarial do professor, que a partir deste ano o piso seria R\$ 1.187,08, por 40/h semanais, mas, nem isso infelizmente o professor consegue fazer valer.

Não por ele, por incapacidade, ou contento com tudo, mas pelo próprio sistema que diz valorizar a educação. E não é bem assim.

Há professores que ganham a metade, um salário mínimo, às vezes até menos que um salário mínimo.

Está clara a explicação da baixa porcentagem de poucos educadores, e a alta porcentagem de educadores insatisfeitos.

Ainda há no mundo de hoje outros empecilhos para o amigo professor, uns citados nesta pesquisas, pois são muitos, mas o avanço tecnológicos pode atrapalhar pois o nível de faixa etária dos professores mais velhos é alta, temos professores mais velhos e tradicionais que não se interessam pela informatização.

Pensam que não ajuda em nada e que do jeito que esta, está muito bom, pensam por que eles devem e interessar por uma educação melhor, se ninguém se interessam por ele.

Então como ensinar algo que não se sabe.

Confirmou-se a hipótese do despreparo dos docentes em relação à inclusão, a inclusão que esta tentando se inferir há 10 anos, nos dias de hoje, em 2011 veio com tudo para dentro das escolas e dentro das salas de aula, isso se torna um empecilho para o professor devido a falta de preparo e incentivo da parte das escolas e mais uma vez citado aqui da parte do governo.

Com isso o corpo docente mais uma vez, responsabilizado pelo insucesso escolar.

O professor precisa atrair mais os olhos de todos para sua prática, mudar esse valor que durante tempo vem tido como a profissão mais desvalorizada.

Mudar as estatísticas de escolhas dos jovens, que os jovens não escolha a pedagogia como curso mais barato.

Convém que os conteúdos acadêmicos do ensino regular contemplem e valorizem, de forma eficaz, a diversidade presente não só na escola, como também na sociedade.

Os cursos de formação hão que pensar melhor o vínculo teórico com a prática realista de tal forma a exigir do futuro professor a elaboração de metodologias, a ação reflexiva, a análise de suas estratégias no desenvolvimento das atividades, tudo a favorecer um amplo conhecimento sobre o todo, mas sem perder de vista as dificuldades individuais de seu alunado.

Não resta dúvidas de que um trabalho conjunto entre áreas diversas, com trocas e interação entre os profissionais de diferentes áreas, pode complementar a prática pedagógica em sala de aula, fornecendo importantes subsídios para os

professores melhor lidarem com as terminologias em dificuldades de aprendizagem, suas diferenças, conceitos, estudos de caso e principalmente na prevenção e no diagnóstico de determinados "problemas".

O trabalho psicopedagógico preventivo, consolidado em orientações multidisciplinares, possibilita a inibição de determinadas dificuldades, independente de sua origem, patologia. O essencial é uma práxis diferenciada de profissionais informados, conhecedores e conscientes da elaboração de estratégias e de planos de trabalho que respeitem a individualidade dos alunos, como também a totalidade do grupo.

O psicopedagogo ao investigar, detectar, avaliar e analisar dados reais e significativos, pode realizar uma intervenção adequada e efetiva. Esse diagnóstico consciente, fruto de uma adequação de estímulos, propostas, recursos, estratégias e atividades, permite promover as implementações preventivas e terapêuticas ao objeto de estudo da Psicopedagogia: o ser humano em desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Com uma formação profissional criteriosa, multidisciplinar e sólida, em que se sustente um permanente diálogo entre teoria e prática, o futuro educador tornar-se-á verdadeiro agente da transformação, apto a desenvolver uma práxis eficaz e consciente, tudo a otimizar o processo de ensino e aprendizagem.

Espero em pesquisa futuras. Mudar os dados sobre a remuneração. Sobre os aspectos de vidas, as ajudas na escola, o reconhecimento.

Pois, todo bom começo tem um bom professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, A; **Pais brilhantes, Professores fascinantes** . Rio de Janeiro, Sextante, 2003.

FAGUNDES, L. **Inclusão digital**. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996, Lei das diretrizes e bases da educação.

FERNÁNDEZ A. **Os idiomas do aprendente**. Artmed Editora. Porto Alegre, 2001.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FERRARI, R, F; **Considerações Psicopedagógica da relação vincular professor – aluno**. <http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_5_59.pdf>
Capturado em 10/07/2011

FONTANA, D. **Psicologia para professores**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Manole, 1991.

FREIRE, P; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREITAS, S.N; **Inclusão e prática docente no ensino**. Centro de educação Especial Santa Maria, RS, caderno 2005, n 27. 2008.

FREUD, S; **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. 3ª edição. São Paulo: Scipione, 1997.

KUBATA, L. **A postura do professor em sala de aula**. Scieelo, <http://www.facef.br/novo/letras/rel/edicao03/POSTURA_PROFESSOR_SALA.pdf>
acessado em 10/07/2011.

KUPFER, C. **Freud e a Educação, o mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 2000.

MARQUES, M.O; **A informação do profissional da Educação**. 2ª edição Ijuí: Unijui, 1998, p.56.

MARTINS, J. S; **Projeto de pesquisa, ensino e aprendizagem em sala de aula**. 2ª edição, Campinas, São Paulo: Armazém do Ipê. 2007.

MERCADO, L. P. L; **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. São Paulo. Editora Abril.2002.

MIALARET, G; **A formação dos Professores**; Livraria Almeida, Coimbra, 1991.

MIALARET, G; **A Psicopedagogia**. Tradução de António José Massano. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

MIZUKAMI, M; **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MORALES, P; **A relação professor – aluno: o que é, como se faz**. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 1998.

NÓVOA, A; *apud* CATANI, D.B, **500 anos de educação no Brasil**. 2ª edição, Belo Horizonte: Autentica, 2000, p. 585.

PAGANOTTI, I; **Lições para o resto da vida**. *Revista Nova escola*. São Paulo. Editora Abril. Agosto de 2009.

PATTO, M. H. S; **Introdução à psicologia escolar**. 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SASSAKI, R. K; **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro. WVA, 1997.